

DE PAI PARA FILHO: O MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO ENQUANTO PALCO POLITICO DA FAMILIA CUNHA LIMA (1988)

Lucas Tadeu Borges Viana¹

Não faltaram o show de fogos, balões, comidas típicas desfile de quadrilhas e as mais diversas atrações que levantaram o público, não deixando que ninguém ficasse parado, tornando pequeno o espaço do Forrodrómo, onde turistas e filhos da terra sem nenhuma distinção social aproveitaram cada minuto sem dar importância ao cansaço do dia seguinte. Os organizadores tiveram trabalho para retirar do palco, alguns mais eufóricos que não se contentaram em ouvir os pronunciamentos feitos na área livre e que queriam a todo custo, ficar mais perto dos políticos, entre eles o Deputado Cássio Cunha Lima, vereador Félix Araújo e o representante do povo no senado, Senador Raimundo Lira²

Entusiasmado e confiante, o hoje senador pelo PSDB, Cássio Rodrigues da Cunha Lima comunicou em sua rede social que estará mais uma vez na abertura do “Maior São do Mundo” do então ano de 2016. Suponho que sua expectativa era ser recebido e prestigiado como foi exatamente há vinte e oito anos antes, no momento em que seu pai (Ronaldo Cunha Lima), preceptor e conjunto de aliados políticos, o lançaram politicamente em meio a um clima de intensa euforia, como a citação mais acima nos faz perceber. Mal sabia o peessedebista que a história se mostraria implacável e a noite do dia 03 de junho de 2016 reservá-lo-ia uma das vaias mais contundentes da história da festa junina, evidenciando que mesmo aqueles projetos de hegemonia que aparentam ser inabaláveis e consolidados, vez ou outra, são aluídos, sofrem gradual resistência e perdem a presumida legitimidade outrora conquistada. Contudo, para entender o quão simbólico e emblemático foi a vaia destinada hoje ao político Cassio cunha Lima, é preciso interrogar o passado e compreender sobre quais bases foram erguidos o projeto do grupo político Cunha Lima na cidade de Campina Grande, além dos artifícios utilizados para consecução do objetivo, neste sentido, o presente trabalho convida-o você leitor a navegar nesse universo político vivenciado em Campina Grande a partir da ação da família Cunha lima. Tenho consciência que uma gama inteira de possibilidades teóricas metodológicas de grande valor poderiam ser utilizadas e ficaram de fora, mas espero que o descrito aqui também tenha sua graça.

Nestes tempos atuais em políticos encarnam personagens, aptos a seguirem religiosamente seus *scripts* e, como destaca o antropólogo Georges Balandier, a *teatrocracia* parece dar as cartas, impõe-se a esses mesmos atores políticos a necessidade cotidiana à teatralidade. Política e festa vão mantendo assim, relações de profunda afinidade. A primeira lição a partir de agora, para um bom governante, é saber se utilizar das diversas formas de tentativa de manipulação de um imaginário com o intuito de seduzir os eleitores e governados na busca do voto e da legitimidade política. É, justamente, buscando analisar e compreender estes pressupostos que elaborei a problemática que toma forma no presente artigo. A pesquisa foi realizada a partir de um respaldo documental encontrado nos principais jornais que circulavam na cidade à época: *o Jornal da Paraíba e o Diário da Borborema*.

¹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e bolsista integrante do Programa de Educação Tutorial (PET) da mesma Instituição. UFCG/Lucastadeuborgesviana@gmail.com. O artigo foi escrito sob orientação do Professor Dr. José Luciano Queiroz Aires.

² *Diário da Borborema*, 12 jul. 1988

No que concerne ao arcabouço teórico, buscaremos dialogar com autores da antropologia política como Georges Balandier, nos apropriaremos também de alguns conceitos do historiador inglês Edward Palmer Thompson, trabalhando a partir do que ele denominou como *teatro do poder e hegemonia cultural*, além de realizarmos profícua conversa com a antropóloga Elisabeth Lima a fim de compreendermos como grupos políticos utilizam mecanismos de poder, tais como a simbologia da festa e da *teatrocracia* para sua consolidação e legitimação política e se tornam, deste modo, mitos de popularidade em seus redutos eleitorais e, ao mesmo tempo, representantes de projetos de classes dominantes. Assim sendo, anima-nos neste trabalho, a partir da documentação que dispomos, a tentativa de produzirmos uma narrativa histórica sobre a festa junina de Campina Grande, não somente a partir da perspectiva do fausto, da alegria, ou do meramente lúdico, mas demonstrar que em todos os seus nuances, dramas e atos prevalecerá a construção de um projeto de hegemonia cultural e, sobretudo, política.

O PALCO PRECISA SER ERGUIDO: O PAI, O ESPAÇO E O EVENTO

Para início de conversa, faz-se necessário recuarmos no tempo a fim de percebermos sob quais condições históricas foram circunscritas o projeto de dominação do grupo Cunha Lima no município de Campina Grande e posteriormente no estado da Paraíba. Desta feita, retrocedemos ao ano de 1982, quando Ronaldo Cunha Lima³, no decorrer do processo de abertura política “lenta e gradual”, passa novamente pelo crivo das urnas e supera seu antigo rival, Vital do Rêgo, reassumindo as rédeas do comando municipal.

Contudo, neste meio tempo, a cidade passa a sofrer um paulatino declínio econômico, que se acentua, sobretudo, no transcorrer dos anos oitenta e noventa. Neste sentido, é importante realizarmos uma análise de conjuntura para entendermos as razões desta decadência. Em primeiro lugar, ela se insere em um quadro mais geral e pode ser explicada a partir das cíclicas crises mundial do capitalismo, aliadas aos diversos tropeços da tentativa de implantação do neoliberalismo no Brasil, além da gradual redução de investimentos realizados pela SUDENE no município, sem contar com a consequente concentração dos recursos financeiros destinados capital do estado. (ALBUQUERQUE JR. *apud* SANTOS, 2016)

Assim sendo, logo em seus primeiros discursos à frente do governo campinense, o peemedebista destinaria para si a missão de reconduzir a cidade para o que considerava ser o caminho do desenvolvimento e do progresso. Entra em cena a figura do pai que, tradicionalmente, promove a “salvação” de seus filhos, eles crescem, ou melhor, se potencializam em momentos difíceis. Campina Grande vivenciava exatamente esse período. Tomando posse a partir de 1983, urgia uma série de medidas que visassem o soerguimento econômico e político da cidade, a alternativa proposta pela prefeitura Municipal foi a intensificação de investimentos no que se convencionou chamar de “indústria sem chaminé, isto é, voltada para a promoção do turismo de eventos. Portanto, a *cidade do trabalho* que teve seu período áureo graças ao “boom” do ouro branco resignificar-se-ia e, agora, deveria ser reconhecida como a cidade da festa, da cultura e do turismo⁴.

³ Já havia sido eleito prefeito de Campina Grande, porém teve seu mandato cassado em 1969.

⁴ Para mais esclarecimentos sobre estas mudanças nos discursos que diziam a cidade de Campina Grande, bem como o nascimento do São João, recomendamos a leitura dos seguintes estudos: SANTOS, Wagner Geminiano dos. *Enredando Campina Grande nas teias da cultura: (des) inventado festas e (re) inventado*

Como saída para a crise, entre outros planos de ação, a principal medida adotada pelo chefe do executivo municipal foi a desapropriação de um amplo terreno na área central campinense e o consequente uso do espaço para tornar fato inconteste o “Maior São João do Mundo”, idealizado a partir de 1983. Vale lembrar, que além do São João ter papel decisivo na recuperação da economia da cidade, o grupo Cunha Lima muito em breve se utilizaria da festa junina enquanto palco político para uma busca de perpetuação no poder, transmutando o nome da família com espaço público.

Alguns setores da opinião pública e importantes segmentos empresariais do estado, a saber, a Ecomel. LTDA (empresa que fornecia instalação de materiais elétricos), rapidamente buscaram aliar seus interesses ao do ascendente grupo familiar que palmilhava os primeiros passos em direção a consolidação do poder. Representantes destas classes dirigentes, não perdendo de vista os lucros que poderiam favorecê-los, se mostraram extremamente satisfeitos com o projeto que colocaria Campina Grande nos trilhos do “desenvolvimento”, e, assim, um destes grupos se pronunciaram sobre a inauguração do parque do povo:

Campina Grande é sinônimo de progresso! Prova maior do que afirmamos é esta na monumental obra que hoje é inaugurada pela Administração Ronaldo Cunha Lima- FORRODRÔMO- cuja execução teve a nossa participação, com o fornecimento do material elétrico, ensejando ao dinâmico povo campinense e aos turistas que aqui chegam, momentos de merecido e saudável lazer, em belas e iluminadas noites de festas. Assim como Campina Grande, nosso progresso depende do seu extraordinário povo, que nunca faltou com o seu decisivo apoio e incentivo. PARABÉNS, RONALDO! PARABÉNS, CAMPINA!⁵

Percebe-se, claramente, a necessidade de associação entre construção do espaço adequado para festa com a administração municipal, sobretudo, com a figura do prefeito Ronaldo Cunha Lima. A partir de agora, o político e a festa junina se metamorfoseiam, a tentativa é erguer sobre bases firmes o teatro oficial que, por sua vez, passam a constituírem-se também como espaços de poder, dominação e teatralidade.

Outro fator que chama atenção são as relações entre os interesses do grupo que o *Jornal da Paraíba* representava e o projeto governamental da Família Cunha Lima. Essas estão estampadas nas páginas da edição do dia 31 de maio de 1986, a temática mais uma vez é a inauguração do parque do povo, concomitantemente com abertura do São João do ano corrente:

O parque do povo e o já tradicional Maior João do Mundo, evento sem precedentes no calendário de festas do nordeste brasileiro vem sendo realizado desde 1983. Se antes esta movimentada promoção da Prefeitura Municipal vinha sendo realizada numa extensa área sem a menor estrutura, este ano, graças ao esforço da administração Ronaldo Cunha Lima passa a ser desenvolvida no Parque do povo, obra extraordinária construída totalmente com recursos próprios, numa área superior a 27 mil metros quadrados, totalmente pavimentada, que será desde agora local destinado a grandes eventos que constam no calendário cultural- turístico de Campina grande.⁶

a cidade (1965-2002). Jundiaí: Paco editorial, 2016. LIMA, Cristina de Andrade. *A Fabrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano*. João Pessoa: Ideia, 2002.

⁵ *Jornal da Paraíba*, 31 maio. 1986.

⁶ Idem

Como nos ajuda a pensar o historiador Wagner Geminiano dos Santos (2016), a barganha estava alicerçada com base em interesses recíprocos e ganhos para ambos os lados. Por um lado, o grupo Cunha Lima garantiria a difusão massiva das suas políticas públicas e de seus gestores, por outro, a mídia impressa, presidida pelo empresário José Carlos da Silva Junior, usaria a influência da prefeitura na expectativa de neutralizar a ascensão de qualquer outro veículo de comunicação no município. Vale ainda ressaltar que quando o *Jornal da Paraíba* surgiu, no dia 05 de setembro de 1971, a história da imprensa e do Jornalismo brasileiro já havia entrado em sua fase moderna, corporativista e movida a partir de suas demandas particulares. O exemplo local mais evidente era o *Diário da Borborema*, órgão pertencente aos Diários Associados, de propriedade do paraibano Assis Chateaubriand, que começou a circular no município em 02 de outubro de 1957 e haveria de ser o seu maior concorrente desde então.

O PROJETO NÃO DEVE SER INTERROMPIDO: O HERDEIRO POLÍTICO

“Cássio Rodrigues da Cunha Lima sempre foi um vencedor”⁷, assim se referia ao filho e herdeiro político de Ronaldo Cunha Lima, um suplemento especial veiculado na edição do *Jornal da Paraíba* após a eleição do “menino de Campina” ao cargo de governador do estado da Paraíba em 2002. Contudo, como a letra da canção nos faz lembrar, toda caminhada começa no primeiro passo⁸ e, desta maneira, impõe-se a análise da carreira política daquele que seria responsável pelo prosseguimento da consolidação do poder da Família Cunha Lima em Campina Grande.

No ano de 1986, Cássio, já filiado ao PMDB, concorre pela primeira vez a um mandato político, a saber, o cargo de deputado federal. Com o apoio de Raymundo Asfora, advogado e destacado político paraibano, foi eleito com 93.236 votos, tomando-se, à época, aos 23 anos, o parlamentar mais jovem da Câmara Federal, fato que o mesmo nunca deixou ninguém esquecer, sempre que possível era a partir deste acontecimento que seus discursos se iniciavam.

Além da função legislativa, Cássio começava a dar mostras de certa capacidade para exercer política e acabou chamando atenção de alguns velhos medalhões que figuravam no cenário nacional. A título de exemplo, quando houve a criação do PSDB, a documentação nos aponta que Mario Covas lhe propôs o convite de assinar a ata de fundação do partido, junto com o senador José Richa.

Contudo, o projeto de hegemonia levado a cabo por Ronaldo Cunha Lima não deveria, em hipótese alguma, ser interrompido e, para isso, constituía-se de suma importância a manutenção da base político-eleitoral conquistada em Campina Grande, através dos êxitos administrativos de seu mandato entre 1983-1989. A candidatura de seu herdeiro político se mostrou uma alternativa bastante promissora e foi viabilizada por uma disposição transitória da constituição de 1988. Este mecanismo, diferindo da norma estabelecida até então, permitiria ao deputado Cássio Cunha Lima concorrer à sucessão do então prefeito, seu pai. A aprovação do parágrafo gerou longa discussão nos meses que antecederam o pleito eleitoral na cidade. Entre os contrários à proposta na Paraíba, destacamos a posição do também deputado Federal, Evaldo Gonçalves, do Partido da Frente Liberal (PFL):

O deputado federal Evaldo Gonçalves, PFL, voltou a expressar todo o seu otimismo com relação à supressão do parágrafo 9º do

⁷ *Jornal da Paraíba*. Vida de Governador, 1 jan. 2003.

⁸ A música “A natureza das coisas” foi composta por Accioly Neto e ganhou notoriedade na interpretação de Flávio José.

artigo 15 do texto já aprovado em primeiro turno de votação da Assembleia. Na opinião do constituinte, o mecanismo “é ostensivamente casuístico”. Afirmando que a permissão de que pessoas que possuem parentes em primeiro e segundo graus candidatem-se às eleições municipais, Gonçalves afirma que “estaria se lançando as bases jurídicas para o retorno à hereditariedade políticas no país.”⁹

O deputado assegura que no segundo turno de votação, todos os esforços seriam realizados “no sentido de corrigir essa distorção”. No seu entendimento, a manutenção do parágrafo seria admitir até disposições contraditórias dentro do mesmo argumento e assevera: “Democracia e igualdade entre os indivíduos”. Na mesma matéria, ainda achou espaço para alfinetar a Ronaldo Cunha Lima: “nada mais justo garantimos a idoneidade do processo, livrando-se da ingerência do poder econômico e da influência que poderia ser exercida por terceiros que se encontram em cargos públicos”¹⁰.

Apesar das severas críticas e dos embates políticos que permearam todo o processo, partindo da aprovação do instrumento judicial, dava-se início a opulenta campanha de Cássio Cunha Lima. Em primeiro lugar, era necessário forjar uma marca política do candidato, uma vez que somente ser filho do então prefeito não garantiria o êxito da investida política. Neste sentido, como nos alerta Schwartzberg (1978), esse conjunto de traços que se apresenta à apreciação pública é uma seleção, uma vez que uma imagem política de si, suficientemente trabalhada, tem a capacidade de prender os olhares e pode promover adesão.

Partindo destes pressupostos, demasiados esforços foram realizados a fim de constituir uma imagem pública que se adequasse ao perfil político do pretendente ao comando do executivo municipal. Cássio, juntamente com o seu corpo de marqueteiros, começariam a investir na produção de sua imagem como um político ousado, progressista que buscava encanar todo o pioneirismo que sempre foi característica marcante do povo campinense. Com a ascensão do marketing político, ações, pronunciamentos, gestos e indumentária deveriam agora ser religiosamente pensadas. O importante é que tudo confluísse para o melhor estabelecimento da máscara escolhida, adjetivos como destemido, moderno e atuante nunca foram perdidos de vista para qualificar o ainda deputado federal.

Seguindo na mesma direção, também em 1988, ano das eleições municipais, é produzido o livro *Caminho de Futuro: Constituinte Cássio Cunha Lima*, o material fornece informações referentes à atuação do pemedebista durante seu tempo na Câmara federal. É perceptível a tentativa de propagandear-lo frente à população campinense para as eleições que ocorreriam no dia 15 de novembro do ano corrente. Contudo, o momento mais apoteótico da campanha ficou guardado mesmo para o encerramento das festividades juninas no Parque do Povo no referido ano.

Sob o clima de intensa expectativa, uma multidão entusiasmada superlotou o Parque do Povo na noite do dia 10 de julho de 1988, a ansiedade que movia o coração e as mentes de todos os presentes era não perder sequer um detalhe do encerramento daquele evento que ficou conhecido como “O Maior São João do Mundo”. Após trinta e seis dias¹¹ ininterruptos de muita comemoração, euforia e arrasta-pé, campinenses e turistas se comprimiram naquela ampla área de lazer e o ponto alto do evento aconteceu com a chegada do prefeito Ronaldo Cunha Lima que juntamente com seu filho e herdeiro político, subiu ao palanque para finalizar a festa mais tradicional do Nordeste.

⁹ *Diário da Borborema*, 21 jul. 1988.

¹⁰ *Idem*

¹¹ Os festejos deste ano, especialmente, realizaram-se entre os dias 4 de junho e 10 de julho.

Uma vez que a “mecânica usada para produzir efeitos é maquina da oratória” (BALANDIER, 1992, p.21), como de praxe, o poeta sofista buscou sensibilizar o público participante do evento através de um vibrante e grandiloquente discurso. Aproveitando-se, estrategicamente, do espaço e da esfera emotiva criada, o atual chefe do executivo municipal lançou a candidatura do deputado federal, Cássio Cunha Lima, para sucedê-lo na prefeitura de Campina Grande. A peça cerimonial obstinada estava na tentativa de inserir os presentes em uma atmosfera toda própria, como clímax do drama político, o ato principal ficou por conta do rito de passagem do pai para o filho. Neste sentido, Ronaldo profere as seguintes palavras:

Essa festa eu criei como se cria um filho pequeno, crescendo e jogando-o ao mundo. E só um filho poderia prosseguir-la no Maior São João do Mundo. Por isso, entrego Cássio ao próprio destino de Campina Grande¹²

Em sequência, Cássio também se pronuncia, agora, pela primeira vez, como postulante ao cargo de prefeito de Campina Grande:

Haverei de palmilhar os caminhos de Campina Grande, iniciados por Ronaldo Cunha Lima... E com o vosso apoio e vossa confiança, oferecer minha juventude e ideais, para que Campina permaneça com o encontro marcado para o futuro¹³

Gostaria de ressaltar também o apoio angariado pelo Grupo Cunha Lima, o que se mostra claro na presença de vários políticos de prestígio em Campina Grande e na Paraíba, destacamos o vereador Félix Araújo e o senador Raimundo Lira. Após tamanho investimento na campanha, chegando até a utilizar o prosseguimento do Maior São João do Mundo como forma de convencimento popular, Cássio obteve mais votos do que os outros quatro concorrentes¹⁴ e tornou-se prefeito da cidade. Tendo em vista a continuidade política que teve seu início com Ronaldo, mas querendo marcar sua administração, assim se dirigiu aos campinenses o recém-eleito prefeito em seu discurso de posse já nos primeiros dias de 1989:

Não esperem de mim, contudo, um substituto de Ronaldo – pois, ele é único, na sua marca pessoal, no seu coração de poeta, no seu carisma inconfundível. Mas, na Prefeitura que hoje assumiremos, teremos como balizas os parâmetros de comportamento que ele próprio nos ensinou: a honradez pessoal e o sentido da coisa pública acima de tudo. A campanha que juntos empreendemos levou as ruas multidões que a nossa terra jamais vira antes. O povo que saiu às ruas e ocupou as praças, não pode agora recuar diante do desafio que juntos, hoje, assumimos: preparar Campina para o século XXI, garantir o presente aos que não tem presente, para que estes possam sonhar com o futuro. Garantir a vida a quem a vida só indica a morte. Garantia a esperança a quem sequer aprendeu a sonhar. Temos consciência da dimensão do desafio – ele só é compatível com a coragem com que nos lançamos à luta. Mas esta não é a tarefa de um governo ou de um só homem – é a missão de uma cidade, de uma geração. Por isso, apoiado no desprendimento, na criatividade inesgotável dos campinenses, eu os convido a todos: jovens, homens, mulheres, crianças e campinenses de todas

¹² Jornal da Paraíba, 12 jul.1988. *apud* LIMA, Elisabeth Christina de Andrade. 2002. Pág.164.

¹³ *Idem*

¹⁴ Respectivamente sequenciados de acordo com número de votos: Enivaldo Ribeiro (PDS), Jairo de Oliveira Souza (PT), Edvaldo de Souza do O (PTR) e Williams de Sousa Arruda (PTB).

as idades, campinenses de todas as campinas, demo-nos as mãos, juntemos as emoções, vamos juntos, sempre juntos, construir o CAMINHO DO FUTURO¹⁵

Como toda teatralização política, para o grupo Cunha Lima é pouco, por seu turno, Ronaldo aproveitou a oportunidade e deu início à sua campanha para Governo do estado, cargo que pleitearia nas eleições em 1990:

Em vez de agradecer a muitos, prefiro agradecer a todos. Obrigado, muito obrigado Campina Grande por tudo que me destes. Não saio com a sensação de quem parte sem saber se volta ou quando vai voltar. Saio com a convicção de que não me demoro, pois, os meus caminhos são os teus caminhos e por onde quer que eu ande, eles me conduzirão a ti. Aqui, apenas termina uma missão que me permito dizer, fielmente cumprida. Não nos despedimos. Não é hora de dizer adeus. É instante de selarmos novos compromissos. Se eu tive a grande ventura de te ajudar a continuar grande. Eu te peço que me ajudes a continuar lutando para te fazer maior. Em breve nos encontraremos nos CAMINHOS DE FUTURO. ATÉ BREVE¹⁶

Ao fim e ao cabo, a primeira parte da tentativa de perpetuação do poder do grupo Cunha Lima, coadunada com alguns setores da opinião pública e importantes segmentos empresarias do estado, parecia enfim concretizar-se e a festa junina utilizada enquanto palco político mostrou sua inegável contribuição para consecução deste objetivo.

FONTES CATALOGADAS E ANALISADAS

JORNAIS ESCRITOS	ANO	MESES PESQUISADOS
Diário da Borborema (Acervo Átila Almeida-UEPB)	1988	Julho
Jornal da Paraíba (Acervo digital-Disponível em:< ">http://acervo.jornaldaparaiba.com.br/index.php?> >)	1986, 1988,1989 e 2003	Janeiro, maio e julho

REFERÊNCIAS

BALANDIER, George. *O poder em cena*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

LIMA, Elisabeth Cristina de Andrade. *A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano*. João Pessoa: Ideia, 2002.

SANTOS, Wagner Geminiano dos. *Enredando Campina Grande nas teias da cultura: (des) inventado festas e (re) inventado a cidade (1965-2002)*. Jundiá: Paco editorial, 2016.

¹⁵ *Jornal da Paraíba*, 3 jan. 1989.

¹⁶ *Idem*.

SCHWARTZENBERG, Roger- Gérard. *O Estado Espetáculo*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.